

# Festas Nicolinas

## PREGÃO DE S. NICOLAU

Recitado em 5 de Dezembro de 1961

pelo aluno do 7.º ano do LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

*António Augusto Seara Salgado*

Silêncio vos exijo, ó malta e populacho  
Que eu venho p'ra dizer em verso este Pregão  
Que vai para o Futuro, erguido como um facho  
Aceso no Passado em bela Tradição!  
A minha voz é voz daqueles que não acho  
Agora junto a mim, meio da multidão:  
Mas far-vos-ei calar à força de borracho  
Se não me prestais já a melhor atenção!...

Caluda, gente hostil! Caluda! Mando eu  
E não me pergunteis qual é o meu poder!  
Eu sou a Tradição que tal força me deu  
Que todos vós por ela posso já prender...  
Silêncio! E recordai esse velho Liceu  
Esse convento antigo prenhe de Saber:  
O velho Nicolau ainda não morreu  
E vai no Liceu Novo séculos viver!

Cercai-me bem de pronto, ouvi minha palavra  
Que a todos vai tocar um pouco do Pregão.  
Povo: a nossa Academia é sempre escrava  
Da Verdade maior que traz no coração:  
Um fraternal Amor ao que na terra lavra  
E chicotada brava ao lombo mandrião!  
Mais um abraço, vá, àquele que não trava  
O lento progredir do Berço da Nação...

Cá nesta minha arenga eu fui tão venturoso  
Que estou admirado e vós pasmai, ó gentes!  
Pois vou falar e já, no tom mais decoroso,  
Das obras mais vitais, esperadas e urgentes;  
Porém vós reparai em quanto de formoso  
Erguido foi p'ra nós em Pátria de valentes:  
Um lindo monumento ao viril Conde Arnoso  
E outro — projectado — aos nossos Combatentes!

Parece que por fim aquela pasmaceira  
Aquela letargia e sono prolongado  
Dos projectos com pó na velha prateleira  
Acabou para nós; e tudo remoçado  
Vimos por fim e ao cabo erguer-se tal poeira,  
Tanto e tanto trabalho às pressas começado,  
Que pensamos por vezes que a Cidade inteira  
Enfrenta a violência e a fúria dum tornado!

Tudo isto é progresso! Ó gentes — exultai! —  
E dai vosso louvor ao que se vai seguir:  
Aquela velha Igreja 'inda de velha cai  
E nem trabalho dá para se transferir...  
Já nesse grande campo — o novo Bem-lhe-vai —  
O vosso Vitórinha podeis aplaudir  
Pois se desamparado ele à segunda cai  
O bom do Casimiro às pressas quer sair...

O Parque do Castelo é obra apilarada  
E o nosso Dom Afonso — O Rei Conquistador —  
Está ali de pé para cortar à espada  
Quem não louve do Parque o seu real valor!  
Mas deve aquela zona ser policiada  
Porque eu até já vi por lá certo senhor  
Fazer impunemente a «gesta: acocorada»  
E queixar-se depois que a Terra é um fedor!...

Mas surge do progresso uma mais forte aragem  
E que das obras mais por certo não destoa:  
Arvorou-se p'ra já Central de Camionagem  
O largo onde começa ali a Caldeiroa!  
O Amândio alugou-o e fez sua garagem  
A Avenida Nova, aonde arruma à toa,  
Entre outros «chassos» mais, aquela carruagem  
Que p'ra subir à Penha é bem melhor que boa!

E como fosse pouco até a Mondinense  
Ali estaciona às pressas e à porfia  
Com uma grande e forte empresa bracarense:  
E juntos esses três vencem na teimosia!  
Vos digo à puridade haver até quem pense  
Que toda aquela tralha e lixo e porcaria  
Está junto ao Turismo a ver se nos convence,  
Que o lixo na Cidade é coisa sem valia!

Porém o lixo é tanto e tão acumulado  
Nessas ruas em fora e nessas avenidas  
Que o Zé pagode pasma e fica admirado  
Por terem os Almeidas férias tão compridas!  
Que a nossa Edilidade em gesto abençoado  
Nos mande da vassoura as hostes aguerridas  
Porque é tanto o mosqueado e tão desenfreado  
Que nem tempo nos dá para sarar as feridas...

E tal é a razão, diz-se à boca fechada,  
De não termos ainda o Seis para alegrar  
Com a fanfarra e tudo, em dias de parada,  
A Terra que o devia há muito aquartelar:  
Enquanto mosca houver nós não teremos nada  
Que o cavalo não pode a mosca suportar!  
Só por essa razão — o medo da picada —  
Ele fica no Porto, longe, a relinchar...

Só por causa da mosca não se faz o Vima  
Esse carro veloz que se ia fabricar  
E todo o cidadão olhava com estima  
Na mira dum buraco para se empregar:  
— Oh! Verdade cruel contida nesta rima! —  
A nossa mosca é tanta e tal o nosso azar  
Que mal feito o projecto lhe caiu em cima  
E nunca mais do Vima se ouvirá falar!...

Pouco mais, Guimarães, teremos a dizer  
Que a voz da Tradição não vive da chacota  
E só o Amor por ti, este Amor a valer  
Que a nossa Academia há séculos te vota  
Faz com que este Pregão nos venha esclarecer  
Que há muito peralvilho e muito borra-bota  
Ai pelos jornais, escondidos, a escrever  
Artigos de má fé, verdades de má nota...

Porém a Festa é nossa e quem quiser que fuja  
Que este barulho é santo e faz-se por Amor:  
Malta! Tocai, tocai, fazei que forte ruja  
A vossa mocidade em pele de tambor!  
Assustai a raposa e a agoirenta c'ruja  
Que o Santo Nicolau adora o estridor:  
A nossa Festa é rija e quem quiser que fuja!  
Batei, certos, batei, chegai-lhe com furor!

\* \* \*

E agora paraí, sus!, paraí por um momento  
Que tenho p'ra dizer ainda duas tretas  
Na humilde expressão dum nobre pensamento  
Que muito preocupa novos e jarretas:  
Falar do grande quadro rico e opulento  
Que pinta lá na estranha um bando de pernetas  
Num grande arranha-céus onde só tem assento  
A mentira e o fartum saído das sarjetas!

Pobre Zé Povinho! Da Paz que sabes tu?  
Nem eu te sei dizer agora o que isso é!  
Mas posso-te afirmar que as guerras são da ONU  
Grande divertimento e amolação do Zé...  
Porém vamos pegar nos «primos» de Nerhu  
E pô-los em Angola a apanhar café  
E dar-lhe à chibata cabo do tutu  
Com murros no focinho à moda de rapé!...

A cáfila que dá ouvidos a Pandita  
Que da Paz virtuosa a pomba faz vermelha  
Faz cada barracada e dá-nos cada fita  
Que está mesmo a pedir pancadaria velha!  
Porém Angola é nossa, é nossa e é bonita  
E por isso ao passar o mundo olha de esquelha  
Dá assobios, berra, esbraveja e grita  
Enquanto a ONU da Paz os coices aparelha!...

O' nosso santo e nobre solo português!  
O' Pátria! Eterna Mãe dum Povo que trabalha!  
Tu foste violado já mais que uma vez  
Por povos cobiçosos, hordas de canalha;  
Porém sempre encontraste a força dum arnez  
Viril a defender nos campos de batalha  
Orgulhosa bandeira erguida em altivez  
Nas cinco direcções em que o vento se espalha!

Por isso Angola é nossa e sempre será nossa  
Que o nosso Zé é forte e não teme a metralha  
Nem os decretos vis saídos dessa fossa  
Que invocando a Paz os Povos achincalha...  
E nem sequer Damão, pequenina migalha,  
— Ainda que isto faça ao Mundo grande moosa —  
Deixaremos cair nas mãos dessa canalha:  
E' Terra Portuguesa, é nossa e muito nossa!

Heróis nossos irmãos, colegas e amigos  
Que a Pátria chamou à luta no sertão  
Para vincar de novo a fama dos antigos  
E dar de novo ao Mundo a magistral lição  
Dum Povo pequenino a arrostar os p'rigos  
Duma luta nascida em mundial traição:  
Vencei galhardamente os nossos inimigos!  
Mostrai como é valente o luso coração!

Muito posso dizer mas mais não adianto  
Que o desprezo é bonito e serve p'ra insultar  
O covardola todo que da ONU faz canto  
Para poder a Paz em guerra transformar...  
Que santa estupidez os cobre c'o seu manto!  
O' pobre ONU que deste em velho lupanar!  
O' Torre de Babel que nos fazes espantar  
Por tanta calotice e contas por pagar!...

\* \* \*

Erguido é o Pinheiro em festa popular  
E a Esp'rança do Futuro nele se alevanta  
Qual mastro de navio em turbulento mar  
Em que vogamos nós com força que espanta

Os papás que por nós as contas vão pagar  
Por saberem também que um oito não quebranta  
Esta vontade firme e nossa de estudar  
A maneira melhor de hipotecar a manta!...

O nosso Zé Povinho é rico de repente  
E mesmo sendo pobre já não pede esmola  
Desde que recebeu, alegre, esse presente  
Que a Santa Casa faz no grande Totobola!  
Mas anda o cauteleiro um tanto descontente  
Por ver que a lotaria agora já não cola  
Por muito que se esforce e grite bem potente:  
«Quarenta mil, sessenta e nove — linda bola!»

Por nós estamos em crer que a Sorte há-de virar  
E um dia há-de sair a todos a taluda  
De modos que viver vamos sem trabalhar  
Que o nosso Totobola a malta faz graúda!  
E todos nós que agora somos a estudar  
Numa luta tenaz Ciência da bicuda  
Poderemos então por pouco transformar  
Nossa pobre Minerva em Deusa barriguda...

Mas lá pelo Comércio a vida corre mal:  
Há calote sem fim, burlices e tormentos  
Tudo tão bem feitinho, em trama legal  
Com tanta trapalhada e tantos documentos  
Que certas casas há, ali pelo Tournal,  
Que registam há muito estranhos movimentos:  
— São funerais de letras p'ra a Notarial  
Onde a velhinha faz os tais apontamentos!...

\* \* \*

O' jovens que correis a medo nos passeios  
Num andar miudinho e o lindo olhar no chão;  
O' Deusas do Amor e dos nossos anseios  
Que fazeis de poetas a doce inspiração;  
O' donzelas de agora tremendo em receios  
De ceder ao demónio, o deus da tentação,  
E pintar a boquinha e realçar os seios  
Com o novo invento chamado Peter Pan!

O' rostos peregrinos, flores perfumadas  
O' doce mel do Himeto, ó almas de eleição;  
O' vós que precisais de três, quatro criadas  
Para arrumar a louça e p'ra varrer o chão;  
O' vós que praticais, gentis, para casadas  
No curso em que a Modesto faz... televisão;  
O' lindas borboletas tão sarapintadas  
Que nos deixais provar o gosto do baton:

Erguida numa lança é vossa a Tradição  
Da festa que nos dá o terno encantamento  
De fazermos subir em forma de maçã  
O nosso mais viril e puro pensamento:  
O' Evas Escolhei agora o vosso Adão  
Que amanhã será tarde; agora é o momento  
De renovar azinha a bíblica traição  
Se desejaís fazer um belo casamento!...

Juntai à prenda vossa o brilho dum sorriso  
Guardai nossa maçã e pendurai na lança  
O figo, o chocolate, o biberão, o guiso,  
A colher, o boneco... e a vossa confiança!  
Assim vós nos fareis perder nosso juízo  
E entrar sem querer naquela velha dança  
Que o nosso Pai Adão dançou no Paraíso:  
A valsa do Amor que nunca mais nos cansa!

\* \* \*

Só por amor erguemos estas maçanetas  
Para alarmar de som nossa velha Cidade,  
Para acordar do sono os novos e os jarretas  
E todo aquele mais que este barulho enfade!  
No céu surgirão hoje estrelas e cometas  
Que a Alma Nicolina o firmamento invade  
E as novas invenções já são absoletas  
Perante o nosso sonho e a nossa Mocidade!

Firmes na Tradição não consentimos baixas  
E quando em nosso esforço o corpo se extenua  
A nossa alma vibra e faz vibrar as caixas,  
Faz o Bando correr, alegre, rua em rua.  
Por Nicolau, à frente! A Festa continua  
E a nossa alma vibra ao metralhar das caixas!  
Eterna Tradição nos chama para a rua  
Qual fogo de Saudade em reluzentes achas!...

Frementes zabumbai, ó hostes Nicolinas  
Fazei tremer a Terra, atómico furor;  
Fazei calar do russo as loucas endrôminas  
O índio americano e o inglês traidor.  
Frementes zabumbai, estremeçam as colinas  
Que a nossa alma é bomba a explodir Amor;  
Abafai deste mundo as lutas e as verrinas:  
Batei, rijo, batei, chegai-lhe com furor!

A. MEIRELES GRAÇA

Guimarães/Novembro/1961.

feclt